AQUELA CARTA QUE NUNCA ENVIEI

Emiliana Faria Rosa
et al.

Pedro & João
editores

Aquela carta que nunca enviei

Pedro & João
editores

Emiliana Faria Rosa
Ana Paula da Silva Moreira
Bárbara Raquel Peres
Carilissa Dall'Alba
Gabriela de Moraes Chaves
Hannah Pires
Maria Cristina Pires Pereira
Silvana Aguiar dos Santos

Aquela carta que nunca enviei

Pedro & João
editores

Copyright © Autoras

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras.

Emiliana Faria Rosa; Ana Paula da Silva Moreira; Bárbara Raquel Peres; Carilissa Dall'Alba; Gabriela de Moraes Chaves; Hannah Pires; Maria Cristina Pires Pereira; Silvana Aguiar dos Santos

Aquela carta que nunca enviei. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 115p. 14 x 21 cm.

ISBN: 978-65-265-0595-3 [Digital]

1. Cartas. 2. Narrativas. 3. Histórias. 4. Vida. I. Título.

CDD – 800

Capa: Petricor Design
Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828
Diagramação: Diany Akiko Lee
Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).

Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2023

À Moça Girassol que desde sempre
apoia minhas loucuras.

Prefácio

"Aquela carta que nunca enviei", poderia ter por subtítulo "escritas corajosas de cartas não enviadas aos destinatários", afinal de contas algumas cartas a gente escreve e não envia; há uma lacuna, uma ausência. Ausência física. Ausência de formas de contato. Ausência de meios de comunicação. Ausência de palavras a serem ditas. Entretanto, nunca é ausência de suspiros, nervosos, emocionados, cansados, raivosos, melancólicos, saudosos, inquietos…

Ausência de coragem de falar frente a frente ou por papel ou e-mail. Ausência de presença, do destinatário ou do remetente, ausência do dizer, do expor, do contar algo. Praticamos ausências,

por vezes, nunca enviamos, nunca falamos, nunca sinalizamos, o que queríamos ou deveríamos dizer.

Eu bem sei que estamos em 2023, que atualmente usamos e-mails, chats, chamada de vídeo…, mas eu gostaria de focar o papel aqui, ao menos a sensação. Acredito que você conheça a sensação de receber uma carta. Não? Abrir a caixa de correio, apanhar o envelope a ti endereçado. Sorrir, ou não, com o nome do remetente. Daí você abre rasgando o envelope na ânsia de ler o conteúdo ou abre devagar com algo cortante para não estragar o envelope.

Acredito que nem todos tenhamos um abridor de cartas como antigamente. Caso não, usa-se uma faca, tesoura ou até mesmo um estilete. O mais provável é que você

abra rasgando todo o papel, inclusive, se for desastrado como eu, acaba rasgando até parte do papel da carta. Ao ler, degusta-se o conteúdo, letra por letra ou devora-se a carta, lendo com sofreguidão. Há cartas para todos os tipos de leitura. Ao final, a carta pode estar bem aberta em cima da mesa ou picotada dentro da lixeira. Há possibilidade de um meio termo. Cada carta, uma reação.

A proposta deste livro remete a cartas, escritas, reais ou flutuantes. Cartas que sempre quisemos escrever, mas não temos coragem de mandar ou não poderíamos. Cartas que o destinatário nunca receberia. Cartas que escrevemos em nossas mentes ou mesmo no papel, mas que nunca enviamos. Cartas para qualquer destinatário, para um

coletivo ou para nós mesmos. Cartas que mergulham num mundo que só nós conhecemos ou tentamos conhecer.

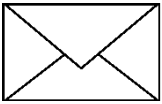
Neste livro, você encontrará toda espécie de cartas. Somos vários autores, vários assuntos e dezenas de destinatários. São cartas escritas para não enviar. São desabafos. São reações. São tentativas de tirar de dentro de nós sentimentos ou percepções sobre a vida, o universo e tudo mais.

As cartas aqui se caracterizam por uma escrita sensível, compreendendo a importância de se expressar sobre tantos assuntos que experienciamos. Que possamos desafogar nas cartas o que nadamos em nossos oceanos internos, transbordando em uma linguagem expressiva, aliviando o peito e a

alma que carregam tantas coisas (in) compreendidas.

Nas cartas, assinar a própria carta será opcional. Uma forma de cuidar da escrita sensível e particular que uma carta pode ser. Convidamos você, leitor, para navegar conosco no universo das cartas nunca enviadas, mas que deveriam ser lidas por alguém. E, antes que sejam esquecidas no fundo de uma gaveta ou na memória do computador parado no tempo, dividimos tais cartas com o mundo. Sente-se confortavelmente, imagine-se abrindo a caixa de correio e boa leitura.

Boa leitura!



Sumário

Conselhos para a filha que não tive 15

Apenas uma carta de Natal 37

Carta aberta ao meu guri 43

À minha CRIAnça ferida 51

Carta aberta a outros pais 67

Querido ausente 75

Carta a mim mesma 79

A liberdade de quem somos 85

De mãos dadas com a loucura 97

Cápsula do tempo aberta 105

Conselhos para a filha que não tive

Cuide-se bem
Perigos há por toda a parte
E é bem delicado viver
De uma forma ou de outra
É uma arte, como tudo
(...)
Cuide-se bem
Tem mil surpresas à espreita...

Guilherme Arantes, música Cuide-se Bem

De um certo modo, escrever para ti também é escrever para mim. Dizem que alguns terapeutas sugerem que escrevamos para a nossa criança interior, para um processo de reconciliação interna. Esta carta não deixa de ser uma mensagem dentro de uma garrafa, lançada ao mar da existência, ao passado, ao presente e ao futuro.

Muito do que estou te repassando são conselhos dos que já se foram, e passados de geração em geração, na esperança de que esta herança possa ser preservada de alguma forma. Conselhos, alguns, que eu queria ter recebido. Considere como o nosso conhecimento ancestral que, agora, é repassado para ti. Sim, eu sei, quando somos jovens não ligamos muito para isso, podemos pensar que são até bobagens e ignorância, mas vais ver que com a idade e com o amadurecimento vamos percebendo a sabedoria que existe acumulada na experiência de algumas pessoas que souberam agir e refletir a sua existência. Considere como uma espécie de iniciação e, mesmo que não te sejam úteis agora, guarde como um material de consulta.

"A vida não se revela, ela não diz de onde você veio, para onde você vai, é um mistério" (Laura Cardoso). Acima de tudo, nos momentos mais difíceis, não esqueça de que a vida é uma aventura, a gente realmente não sabe onde ela vai dar. Permita-se ficar chateada, chorar e achar que nada faz sentido ou vai dar certo. Dê-se o direito de ter um tempo para sofrer ou ficar com raiva: uma hora, meio turno, um dia, mas não se alongue. Isto passa e te digo que sempre passa, por mais que a gente ache que nunca vai parar a dor: passa! A vida é uma aventura, tem pé afundado no barro, tem pedras escorregadias, arbustos espinhentos e caminhos tão longos que fazem bolhas nos pés, mas também tem trilhas rodeadas de flores cheirosas, riachos e cachoeiras

refrescantes, frutas maduras ao alcance da mão e paisagens de cair o queixo. Nos piores momentos, pare, respire, descanse, tome água, coma um lanche, reoriente-se, mas não desista. Não use soluções definitivas para problemas transitórios. E todos os problemas são transitórios! Nos períodos desesperadores, eu usei a frase mote "vamos ver onde esta bagaça vai dar!" como estímulo para continuar e, mesmo que remota a chance, para não ter que repetir tudo de novo, do início. E te digo que não me arrependi. Aprecie a vida pelo o que ela é, cada respiração é uma vida. Vou te contar a mais ignorada verdade: o sentido da vida é viver tua vida.

"A vida não é filme, você não entendeu" (Herbet Vianna, música

Ska). Nem tudo o que a gente quer, a gente pode. Nem tudo o que a gente pode, a gente deve fazer. Esqueça os filmes irreais de Hollywood, somos limitados. Podemos expandir nossos limites, nos exercitarmos, nos aperfeiçoarmos, mas temos limites como indivíduos e como sociedade. Boa parte do mal e da destruição são por pensarmos que se queremos, podemos tudo e tudo devemos fazer e ser. Não dá para a gente viver em um mundo de ilusão enquanto a vida não quer nem saber. A vida não espera, a vida passa...Trabalhe com a realidade! Só se desilude quem se ilude! Tenho percebido muita fantasia nos tempos atuais, muitos métodos, estratégias e ditação de regras que são simplesmente a mais deslavada mentira. As pessoas andam muito carentes e só querem aparecer, serem

vistas e incensadas. É como uma doença que, talvez, só vá ser diagnosticada daqui a muitos anos. Não caia nessa! Fortaleça-se e cuide daqueles que estão sob os teus cuidados para que eles recebam atenção, disciplina, carinho e limites desde cedo para que não fiquem frágeis assim. Ensine, tu, aos nossos descendentes (principalmente os "de alma") habilidades básicas para se manifestarem e se bancarem neste mundo.

"Por você (...) eu aceitaria (como é?) a vida como ela é... (Mauricio Barros, Mauro Santa Cecilia, Roberto Frejat). Ninguém te pertence e não és propriedade de ninguém. Podemos ter, eventualmente, bons companheiros de viagem, ótimos mestres de vida e maravilhosos aprendizes, mas não se iluda com

promessas de completude absoluta e eterna. Não existe. Pessoas morrem, vão embora ou tomam outros caminhos. Assim como as pessoas nascem, entram na nossa vida ou descobrimos que estamos na mesma estrada. É momentâneo, mas nem por isso menos precioso. Honre os bons companheiros, afaste-se de quem não te faz bem e siga em frente, sempre em frente. E quando falo em amores, não estou me referindo só ao amor "romântico", mas à família, amigos etc. O amor da tua vida és tu! Cuide-se bem, dê-se carinhos e mimos que darias a alguém muito amado, não se negligencie ou subestime. E isso não tem nada de egoísmo, pois só ama verdadeiramente quem foi amado e se ama.

"Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante, do que ter aquela velha

opinião formada sobre tudo" (Raul Seixas). Muitas pessoas vivem correndo atrás do vento por fama, dinheiro e prazeres. Usufrua, mas não se apegue, nem mesmo ao sofrimento, pois tem gente que carrega o sofrimento até com orgulho e não larga dele, vira um vício sofrer e ser lamentado pelas outras pessoas. Sinta o que tem que sentir, seja alegria, dor, sucesso, fracasso, reconhecimento, desprezo, aceitação ou abandono e depois solte. Não pare, não estagne. A única verdadeira morte é a estagnação. Quanto às pessoas, não se apegar não quer dizer não gostar, ter relações superficiais ou frias, nada disso! Não se apegar é não eleger ninguém como teu Deus, como teu tudo, como tua metade. És completa. Todos interdependemos uns

dos outros, mas não pense que existe um ser que vai ser bombástico na tua vida. Intersomos (como dizia o monge Thich Nhat Hanh) um conjunto de causas e condições que nos faz quem somos no aqui e agora. E quando mudam estas causas e condições nos transformamos. Se fores bem atenta, vais perceber as tuas metamorfoses durante a tua vida. Nascemos e morremos muitas vezes...na mesma vida! Quem não muda, cristaliza, vira pedra. Quem tem a coragem de se rever, fica flexível e se move com mais agilidade na vida. Óbvio que toda a mudança desestrutura, causa inquietude, desestabiliza. Faz parte, é da vida.

"Não está vendo, não estou nessa. O que eu quero? Sossego, eu quero sossego" (Tim Maia). O trabalho faz parte da vida, mas não é "A" tua

vida! Cuide para não se tornar obcecada com a vida profissional e esquecer-se de si mesma. Imponha limites para que as garras da vida profissional não te capturem e a sua bocarra te engula. Faça o melhor que possas as tuas tarefas, cumpra o horário que tens que cumprir, vá até onde diz a carga horária. O profissional de alta performance é um engodo, o que ganhas em dinheiro, gastas em médicos e terapeutas. Não descuide de seu veículo de manifestação, o teu corpo. A simples e tradicional fórmula, exercícios, lazer, alimentação e sono, fazem maravilhas para a saúde física, mental e espiritual. Aliás, desconfie do que é muito complexo e misterioso. No geral, a chave do bem estar é simples, mas tão simples que a maioria das pessoas acha que não é

verdade e se atolam em procedimentos e crenças complicadíssimos e irreais e acabam só perdendo tempo. Pratique a contemplação, o nadismo e o ócio que nada precisa criar. A satisfação de completar um trabalho é extremamente satisfatória, mas abra espaço para uma boa "vagabundagem" regularmente. Como dizem que dizia o tio Gautama, o Buda: seja moderado...até na moderação. Não se sinta culpada por não dar 100% ao trabalho, pois 100% é da vida! Vão tentar que acredites que teus colegas são tua família, mas são só colegas, e o trabalho é só trabalho. Pode ser algo realizador, no qual coloques muito do teu ser, maravilha! Ou não, paciência. É ótimo poder trabalhar em algo que nos permita nos manifestarmos, mas ainda assim, tua vida é maior do que

isso. Expanda os seus horizontes, cultive vários interesses, diversifique-se!

"Quando a gente tá contente, nem pensar que está contente...a gente quer, nem pensar a gente quer, a gente quer, a gente quer é viver" (Gilberto Gil). Um estado permanente de felicidade maníaca não existe, exaure, cobra o seu preço de nossa saúde e é falso. Conheço pessoas que vivem em um permanente estado de excitamento alegre, já o contentamento é um exercício. Em alguns dias estaremos menos contentes, em outros mais e assim vamos nos equilibrando procurando a harmonia. Cresça e amadureça! Só os seres imaturos creem que a vida pode ser uma sequência de momentos felizes (ou infelizes). Então, meu conselho estranho é: não persiga a

felicidade, exercite-se no contentamento. Não caia no conto do "felizes para sempre", tudo tem altos e baixos. Crescer e amadurecer é isso, ver a vida com lentes de realidade. Só bebês ou crianças muitos pequenas (física ou espiritualmente) creem que existe suprimento eterno de suas satisfações e ainda fazem birra quando são contrariados. Contentamento é o quentinho no coração, são as pequenas gentilezas, as alegrias simples do dia a dia. Não as subestime, porque elas são preciosas na vida.

"O que chegar a mim é oportunidade de prática" (Monja Coen) e "Sejam prudentes como as serpentes e simples como as pombas" (Jesus, o Cristo). Não desperdice nada. Problemas, conquistas,

obstáculos, realizações, tudo é oportunidade de aprender a viver melhor. Pode ser a maior "bomba", que não ensina nada, que só traz incomodações, mas acredite, é chance de aprendizado, nem que seja a evitar ou não fazer de novo. E não só situações, mas pessoas também. A gente não entende como o encontro com determinada pessoa, que só nos fez mal, pode ser transformado em algo útil. Não se envolver com esta pessoa, ou este tipo de pessoa é um aprendizado também. Não pense que vais poder transformar alguém com teu incrível caráter e poder de persuasão, não vai. Seja boa, mas não seja boba! Uma dose de saudável desconfiança e, de vez em quando, até uma gotinha de paranoia não fazem mal. Depois de alguma coisa que te perturbe ou desagrade, tire

um tempo para analisá-la, para ver o que podes fazer, dali em diante, para não cair em outra cilada. Aprenda com os erros, não fique repetindo padrões equivocados durante a vida, é perda de tempo. O tempo não volta atrás, por mais que possam fantasiar que podem, o tempo é preciosíssimo. Não desperdice o seu, nem o dos outros.

"Houve um tempo em que eu acreditava em palavras" (Francisco de Assis). Tenha consideração a todos e respeito por quase todos. Não se deixe levar nem por aparências, nem por palavras. É difícil, vez ou outra a gente acha uma pessoa confiável porque ela sorri, te dá tapinhas nas costas e abraços. Ou fica crente que alguém está do teu lado porque ela conversa, te procura, é boa com as

palavras. Acredite, muitas pessoas fechadas, e de primeira impressão antipáticas, são jóias. Existem muitas almas aconchegantes e fiéis em corpos e funções absolutamente não valorizadas pela grande sociedade. Mestres cuidando de jardins e hortas, trabalhadoras apressadas para pegar o ônibus lotado, recicladores humildes, professoras que não precisam fazer espetáculo de suas aulas etc. Veja além da forma e não pense que vais conhecer todo mundo rapidamente. Algumas pessoas levam muito tempo a se mostrar, exigem convivência, ações conjuntas, coisas que vão muito além das palavras.

"Não há pecador sem futuro, nem santo sem passado" (ditado popular). Sempre lembro disso quando caio no erro de cultivar culpas ou quando

esqueço de quem eu fui. O fluir não é algo etéreo, é este ir e vir, das ondas, da vida, de quem nós fomos e não somos mais, de quem nós somos e não sabemos quem seremos. Julgar, todo mundo julga; cuide, isso sim, para não condenar. Isto serve para nós também. Não vamos carregar um fardo, uma culpa, vida afora. Só preste atenção porque só pedir desculpas, apesar de já ser algo evoluído, não é tudo. Existe o processo de perceber o erro, sentir culpa/remorso, se desculpar e... reparar! Esta última fase da reparação quase ninguém faz, de vontade própria, mas é importantíssima. Muitas vezes a reparação é trabalhar para não cair em erro de novo. Outras vezes é ação pura, fazer algo para reconstruir ou compensar o que fizeste de errado. E

dos “santos com passado”, te aconselho a ser sensata, pois ninguém nasce perfeito. Pessoas legais já fizeram coisas não legais. Não cobre eternamente alguém por um erro que ela já até reparou e seguiu em frente. O que é diferente da pessoa construir uma imagem de santo, ficar estragando a vida de outras pessoas por baixo dos panos e pedir desculpas demais, só como formalidade, no automático. Saiba diferenciar.

“A vida é sua própria magia” (Shunryu Suzuki) e “Café tá quente no fogo, barriga não tá vazia, quanto mais simplicidade, melhor o nascer do dia” (João Daniel Ulhoa). Não fique à procura de milagres, de coisas espetaculares e não siga quem promete isso. A vida são as coisas pequenas, o dia a dia, as pessoas e

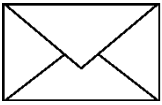
eventos aos quais quase ninguém repara. A vida é: aquele cheirinho de comida que nos lembra uma tia querida ou a infância; ainda olhar para o céu e perceber que quanto mais olhamos para o céu noturno, mais estrelas vemos; sentar e apreciar o momento; lembrar de agradecer; não ser ingênuo e saber que a vida tem misérias, mas tem realizações também. A vida é simples, nós é que complicamos. Só flua, desvie, acomode, assente, transmute e flua de novo, como a água. Passe suavemente pela vida, quase nada é tão urgente e sério assim, de muitas coisas só precisas te esquivar, deixar que elas passem por ti, não tomes tudo para ti, não "mate tudo no peito", deixa passar, deixa ir. Aprenda a apreciar as sensações simples, a perceber o que a maioria

não percebe, as magias do dia a dia, os milagres da Natureza. Talvez sejas rotuladas de estranha, mas te digo que, com a mente tranquila, isso também podes deixar passar, não importa. O que importa é teres tua mente exercitada e centrada, pois assim vais encarar tudo o que venha de uma forma serena. Até vida e morte serão parte de tua existência, como ciclos, nos quais vais te transformando em outras manifestações. Sem medo, fluindo, tranquila, parte do processo eterno do mistério da existência (vida, morte, vida…). Este é o maior legado que eu poderia te deixar.

Talvez, eu pudesse resumir todos os conselhos com um "não se iluda!" e "tudo é transitório", mas optei por escrever esta longa carta, até repetitiva em alguns pontos, para

não deixar muitas dúvidas. Eu poderia escrever um livro, um livro não, uma enciclopédia inteira de conselhos, mas não há como te blindar da vida, precisas vivê-la, cair, levantar e ficar forte para usufruí-la. Te envio, então, esta carta, que eu espero que te possa ser útil em algum momento. Para mim, amar é cuidar. Amamos o que cuidamos e cuidamos do que amamos.

Te deixo esta carta de herança
de amor,
Miss Wong.



Apenas uma carta de Natal

Eu poderia dizer que o Natal perdeu a graça quando as pessoas queridas faleceram. Seria uma afirmação sem constatação. Poderia também dizer que foi quando minha avó contou que o Sr. Noel não existia. Não sei ao certo quando isso aconteceu, mas sei que aconteceu; e aquela magia, se perdeu. Às vezes é melhor nem se perguntar, eu creio que foi em fragmentos. O que disse acima se soma com as noites de Natal em família em que eu não conseguia participar das conversas e/ou resumiam para mim ou falavam que não era nada demais; ou mesmo quando eu pegava um livro e ficava no quarto. Minutos depois alguém aparecia

dizendo: “não fica aí, é Natal. Fica com a gente lá na sala”. Que graça tinha? Para mim, nenhuma.

Quem sabe a magia do Natal diminuiu quando os dias vinte e quatro e vinte e cinco passaram a ser uma rápida troca de presentes e ceiar. Quem sabe foi quando eu pegava ônibus, avião, ônibus, ia para casa e nada fazia sentido, isso porque, uma, minha vida não era mais ali, duas porque era eu quem ficava com minha mãe, esta, chorando falando de natais passados. Enquanto minhas irmãs estavam em outro lugar na casa de alguém. Valeria a pena ir para casa e ver minha mãe chorando, falando de pessoas que já tinham morrido e de coisas aleatórias que a data trazia à memória dela? Ninguém imagina o desespero, a ansiedade e a angústia que eu sentia.

Aconteceu que eu comecei a não querer ir para lá no Natal. Ir para casa para que? Para sofrer? Para ver minha mãe chorando? Para ficar de lado? Para ficar em casa enquanto as gurias saiam? Para resumir a noite em comer, dar presentes e fim? Ainda fui em muitos Natais lá, tentava, me convencia que seria diferente, nunca era, mas eu tentava, por minhas memórias felizes, tentava pelo vínculo familiar.

Um dia, não fui. Sabe o que aconteceu? Virou piadinha, virou quase que ironia. Engoli. Tentei de novo. Até que um dia eu disse que não iria mesmo e fiquei na minha casa. Me senti bem, tranquila, feliz. Porque passei o Natal comigo mesma e fui uma ótima companhia. Houve reclamação, ironia, choro. Engoli. Ignorei. Depois disso, já

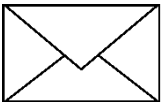
passei o Natal sozinha, com as gatas, com namorado, com meu marido, viajando. Várias possibilidades.

Acho que não foi o Natal que perdeu a graça. Fui eu que passei a vê-lo diferente. Eu queria manter a magia da infância na vida adulta; e não dá. A vida vem e te coloca para sentir e viver coisas em que você precisa se adaptar. Fora que algumas não fazem sentido, em outras você não se encaixa. Só eu sei o que eu guardo como meu Natal perfeito. E ele aconteceu, isso me basta. Virou lembrança que levo comigo, alegre e quentinha no coração. Não preciso contar.

Natal é vida, e eu me reescrevo todo ano. Então, querido Natal, obrigada por todos os ensinamentos, pelos momentos, encontros e desencontros, por todos os

ressignificados e pela possibilidade de me reinventar.

Um abraço natalício a todos vocês.



Carta aberta ao meu guri

Gabrielzinho,

Daqui alguns dias será o meu primeiro dia das mães, meu filho. Em poucos meses muita coisa acontece, hein. Teu pai e eu sempre falávamos em ti desde quando começamos a namorar em janeiro de 2010, mas sempre vivemos na correria e sempre achávamos que precisávamos fazer determinadas coisas antes de te ter neste plano.

E, para ser bem sincera, a ideia de ter filhos sempre me assustou e eu sempre coloquei vários planos na frente e vivia no "primeiro eu vou". Existia a pressão da sociedade e familiar sobre o tal relógio biológico e a obrigatoriedade de

gerar uma vida. Eu não tinha medo de gerar uma vida, do parto e de qualquer outra coisa que incluísse gestar, eu tinha medo do que eu iria me tornar pós-parto. Eu tinha medo de morrer como mulher, profissional ou acadêmica - poderia ser parcial em alguma dessas coisas ou totalmente.

Tu simplesmente achaste que era hora de a gente mudar os planos, mudar as metas e vir. Tu vieste a hora que tu achaste que deveria vir: trollando a mamãe e o papai. A última coisa que passava na minha cabeça era estar grávida. Tanto que uma grande amiga minha pelo qual considero uma irmã me encorajou a fazer um teste de gravidez para desencargo de consciência.

Não vou negar que quando vi o primeiro positivo no dia 05 de março

com quase um mês de gestação, eu dei uma leve surtadinha, e tu deve ter pensado: "onde fui me meter, a mãe é louca." Foi um furacão de pensamentos e sentimentos. A única coisa que posso te afirmar é que tu virias ao mundo de qualquer forma e eu te cuidaria. Essa era a minha única certeza e decisão.

Eu tinha medo de não te amar por todas as coisas que saberia que naquele momento eu me tornaria outra pessoa em vários aspectos e deixariam de existir pelo menos por um tempo. Ao longo dos dias e das nossas conversas tu deve ter percebido o quando tu és amado por mim. Então, tudo bem a mãe ser um pouco louca, chorona e agitada.

A mãe e o pai achavam que tu eras uma menina por todos os mitos que as pessoas falavam que acontece em uma

gestação: vômitos diários matinais sem trégua, mais desejos doces, a barriga despontando mais cedo, a tal da tabela chinesa… E tu novamente estava com o teu jeito debochado trollando a gente. No dia 06 de maio descobrimos que tu és um meninão.

Aprendi um paradoxo novo durante a gestação: a relatividade do tempo. Parece que foi ontem que eu descobri que tu estava dentro do forninho, e ao mesmo tempo parece que vivi dez anos ao longo desses meses.

Para cada mulher a gestação é uma coisa que se sente diferente. Nós passamos pelos vômitos diários matinais até a 30° semana. Nós tivemos que fazer repouso para que tu não nascesses com 29°/30° semanas, e, com isso, rever as prioridades. Parei de trabalhar. Isso foi uma das coisas mais

difíceis. A pessoa que era independente e trabalhava três turnos, estava na segunda faculdade e terminando o mestrado tinha que ficar deitada todo o dia. Essa foi uma das maiores provas de amor e paciência que eu pude te dar.

Vencemos a prematuridade! E muito disso graças às orações dos familiares e amigos da mamãe e do papai, do nosso repouso e principalmente a Dra. Silvana que não mediu esforços para dar total assistência, segurança e aconchego nessa fase difícil. Um dia após vencermos a prematuridade, rompeu a bolsa na mercearia. Foi cômico. Era o dia do segundo turno da eleição para presidente do Brasil e aniversário de 150 anos da nossa cidade, rompeu a bolsa na mercearia

quando fui comprar carne com o teu avô materno.

Tentamos o parto normal, e infelizmente o cordão te prendeu pelo ombro e tu precisou vir ao mundo de cesária. Mais uma vez ali eu estava provando o quanto eu te amo. Mamãe corria o risco de morrer com a anestesia da cesária, mas decidiu não esperar mais tempo para que tivesse um nascimento tranquilo e fosse saudável. Como no previsto, baixou a minha pressão, tive hemorragia e quase vim à óbito. Ali me agarrei com Deus novamente e implorei pra viver pra te criar. Sabe, meu filho, tu vens me nutrindo de fé em cada fase.

Contigo descobrimos já várias coisas: que o amor realmente se multiplica; que os planos de Deus são sempre maiores que os nossos;

que a gente consegue rir e chorar ao mesmo tempo; a tal da contagem das semanas de gestação e o motivo das pessoas não falarem simplesmente os meses; que um dia o nenê é do tamanho de um grão de lentilha e poucos dias depois já tem tamanho de um limão siciliano; que ser um trio é melhor que ser uma dupla; que a gente já não se governa mais; que todo o resto nunca vai ser uma prioridade antes de ti; que levantar pra ir trabalhar tem outra conotação; que não éramos realmente completos e que agora somos contigo.

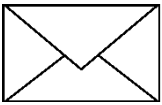
Quero que tu saibas, Gordinho, que tu deste mais significado para as nossas vidas. E que ao longo dos dias, nós vamos tentar sermos os melhores por ti e pra ti. Tenha muita paciência conosco, meu pequeno, estaremos aprendendo juntos (e mais

ainda com o teu pai que já sabe tudo teoricamente pelo Youtube).

Eu te amo, Nenê! Obrigada por existir e me dar o título de "mãe". 💙🤰

Com muito amor,

Mamãe.



À minha CRIAnça ferida

Te escrevo, pois, neste momento, palavras não me faltam. E não que nenhuma delas já não tenha sido dita antes, mas, palavras são bichos soltos que são levadas pelo vento. E quando lançadas, vão para longe de quem as disse… Palavras que são escritas, são forjadas na digital, deixam resquícios na ponta dos dedos e podem ser visitadas pelos olhos, para lembrar de tudo o que nos esforçamos para esquecer.

Me disseram uma vez, que para se conectar com o seu eu, criar uma relação de amor-próprio e fazer as pazes com você mesma, é preciso aprender a se relacionar. E toda relação precisa ser construída, demanda tempo, olho no olho, diálogo

e paciência… A dica de ouro que recebi, é de se olhar no espelho todos os dias com generosidade e dizer o melhor bom dia que puder.

Cada vez que eu sinto raiva, sou capaz de acolher a minha criança ferida, o quanto eu tenho orgulho por ela ter sido forte, por ela ter me amado mais do que ela amou a si mesma e que hoje, sendo eu adulta, sou capaz de amar a ela mais do que ela consegue se amar. Eu, hoje adulta, olho para minha criança, a ouço e digo que ela pode dormir tranquila. Hoje ela está segura, é ouvida e muito amada.

Minha criança ferida, te peço desculpas por todas as vezes que achei que você não fazia mais parte de quem eu sou. Por todas as vezes que eu tentei te apagar, te esconder e tirar você de dentro de mim… pelas

vezes que não te acolhi, que ri das tuas formas de se manifestar. Por quando senti vergonha de reconhecer teus gritos para ser vista, para ser ouvida. Pelos momentos que eu sufoquei o meu choro, para não me parecer com você. Me conceda o seu perdão, quando julguei que os teus ensinamentos não eram importantes.

Pelas vezes que eu não deixei você existir. Por quando neguei o que você me ofereceu. Por ter ouvido outras pessoas e não ter ouvido você. Por favor, me perdoe por ter buscado colo e aconchego em outras pessoas quando, na verdade, era de você que necessitava. Peço desculpas por ter negado afeto e ter oferecido às pessoas que não mereciam, te deixando sozinha e com medo. Por todas as vezes que senti orgulho em te deixar ferida. Pelas vezes que você pagou um

preço muito alto pelas escolhas erradas que fiz e deixei de fazer coisas que eu gostava. Por todas as vezes que me senti adulta e deixei de brincar. Pelas vezes que eu me senti desconfortável e deslocada na presença de outras crianças. Por não reconhecer que você é a parte mais bonita que existe em mim.

Eu lamento por todas as vezes que deixei de comer coisas que queria por sentir culpa. Por achar que eu, por ser adulta, não poderia mais fazer você feliz, a criança que habita em mim. Me desculpe por não respeitar teu limite, nem a forma como você se sente. Por te deixar tão machucada, tão ferida, sentindo tanta dor, que a única forma de aliviar essa pressão era vomitando, para jogar para fora todas as coisas que te forçava passar e que você não dava conta… Minha

criança ferida, te peço desculpas por todas as vezes que subestimei a tua força. Que te obriguei a suportar situações e responsabilidades de outras pessoas que não foram capazes de ver nem reconhecer as suas próprias crianças feridas.

Peço perdão por todas as vezes que acolhi, ofereci colo e afeto para crianças feridas de outras pessoas e não olhei para você… Te peço desculpas quando fiz a vontade de outras pessoas antes das tuas. Quando ofereci meu tempo, energia e dinheiro, para agradar pessoas antes de atender às tuas demandas. Eu sinto muito por ter perdido tanto tempo negando a tua voz, maltratado o teu corpo e não ter cuidado da tua saúde. Não ter olhado para a tua felicidade. Por não ter cultivado com você boas memórias. Te peço

desculpas por todas as vezes que achei que as coisas que vinham de fora, as coisas que eram ditas pelas outras pessoas, eram mais importantes do que te ouvir.

Minha criança ferida, eu te peço desculpas por todas as vezes que não atendi você.

Pelas vezes que neguei passar o meu tempo para estar junto contigo, mas gastei o meu tempo com pessoas, situações e lugares que não te mereciam. Me perdoe por aceitar além do que podia e levar meu corpo à exaustão. Pelos momentos em que tomei como minhas, responsabilidades de outras pessoas e te reneguei. Quando deixei de aproveitar meu tempo contigo e não priorizei o meu descanso. Que julguei que a tua felicidade valia menos do que as tantas tarefas que assumi. Minha

criança ferida, peço desculpas e o teu perdão por não ter te levado para passear, não achar importante descansar junto contigo, te negar sonecas, passeios e por ter vergonha de registrar os nossos momentos…

Minha criança ferida, peço desculpas por procurar defeitos e me ajustar para apagar quem você é. Todas as vezes que eu neguei os teus traços, que tentei me moldar, com as formas do que é ser chamado ser adulto. Por machucar o meu corpo, me vestir de forma que não te cabia, para tentar ser reconhecida, para tentar ser importante. Minha criança interior, peço desculpas por todas as vezes que não acreditei, nem confiei no seu potencial. Por todas as vezes que eu subestimei a tua inteligência. Por todas as vezes que neguei as verdades que você me trazia.

Hoje, mesmo após tanto tempo depois, ainda olho para dentro e vejo os respingos do meu eu criança fragmentado. Vejo e observo um amontoado de peças soltas, aos montes, misturadas e ao mesmo tempo desconectadas do todo. O processo entre ver uma pilha de aparas soltas e reconhecer o potencial de conexão dos seus pontos de contato, das aproximações possíveis é arte mais do que a própria peça finalizada.

Olhar para as próprias lascas é antes de tudo um processo de exercício de generosidade… reconhecer que tenho em mim, arestas afiadas o suficiente para ferir e me enxergar como uma potência destrutiva é olhar para a versão sombria que insistimos em negar. Essas arestas quando tratadas, com as ferramentas e técnicas

necessárias, podem se transmutar em lâminas como podem ser guiadas para serem flechas para se lançar ao desconhecido. As pontas das peças, vistas como soltas e perigosas, são as mesmas que possibilitam o encaixe, o manejo para novas formas de se conectar.

Eu gostaria de registrar aqui como forma de manifesto, um lembrete silencioso para os que gritam, mas impossível de ser negado aos olhos. Preciso e quero reconhecer cada uma das peças que se amontoam por dentro, já que cada uma delas me compõe na obra que sou. Experimentar o que me é diferente, a forma como cada um dos elementos externos me conecta com o que existe por dentro. A vida é um grande novelo, com seus emaranhados, pontas soltas e com muitos nós.

Carrega consigo grandes mistérios, os mais belos e inesperados, os que são vistos de dentro e os que são percebidos por fora. Minha criança interior, você não precisa mais ter vergonha de quem você é. Você não precisa mais se esconder. Você não precisa mais reprimir o que você sente, nem o que quer. Sonhe. Sonhe grande. Você é grande! Você emana luz. A tua força é enorme e vem das tuas maiores fraquezas. Você é capaz de mudar a tua realidade. Você é capaz de resistir. E se, ao longo da tua história, mesmo sendo tão pequena, tão frágil, você chegou até aqui, me dê hoje a sua mão e vamos juntas conquistar tudo o que merece. Que você receba o amor que merece. Receba o cuidado, o colo que você

tanto procurou. Que a sua alma seja repleta do amor que você merece.

Eu prometo que vou estar contigo você pode se mostrar. Vem! Eu prometo que as pessoas vão te ouvir. Eu prometo que você nunca mais vai se sentir invisível. Porque se você um dia precisou se esconder, não se sentiu ouvida, se você se sentiu invisível, era porque você ainda era pequena… hoje eu sou adulta e dou conta. Hoje sou capaz de dizer que você não está mais sozinha e que você é muito amada. Minha criança interior, te agradeço por você nunca ter desistido de dizer o que sente e por você nunca ter deixado de me mostrar o brilho das pequenas coisas. Por não ter me abandonado, mesmo nos momentos em que eu te abandonei. Por você nunca ter perdido a esperança! Por você nunca ter desistido, mesmo

quando me desesperei, mesmo quando eu desisti de mim. Minha criança interior, eu quero que você saiba que você é muito amada. Todas as coisas que você diz, todas as coisas que você pensa e que todas as formas que você se manifesta são muito bem-vindas. Você não precisa mais se esconder. Não precisa mais sentir vergonha de quem você é, nem das coisas que você sente.

Minha criança interior, você merece ser amada exatamente por quem você é. Você não precisa mais ter vergonha de se manifestar. Você não precisa mais ter vergonha do seu corpo, você é perfeita. Você não precisa mais ter vergonha do teu movimento. A forma como você caminha, a forma como você fala, como você age, demonstram a essência de quem exatamente você é! Você merece ser

amada sem precisar camuflar nenhuma característica. Você merece ser ouvida sem precisar gritar. Você merece se sentir segura mesmo quando alguém não concorda com a sua opinião. Você merece ser aceita sem precisar agradar ou oferecer nada em troca. Minha criança interior você tem muito a dizer.

Você merece ser lida. Você deve e precisa dizer o que pensa. Minha criança interior, você é capaz de escrever! Minha criança interior, você é capaz de falar. Você tem muito para ensinar! Minha criança interior, você é capaz de fazer o bem. Não se esconda. Não tenha vergonha. Sua luz é grande demais para você achar que consegue esconder. Você não precisa mais se esconder. Eu quero te dizer que você é ouvida, você é amada. E que a

partir de hoje você tem a minha permissão, a minha proteção, a minha segurança para dizer o que você pensa e se manifestar da forma que você deseja, forma que você precisa.

Eu me liberto de toda a raiva que eu senti, hoje eu tenho voz e eu sei me defender. Me liberto de toda a sensação de injustiça, porque tenho voz e sei me defender. Eu me liberto da sensação de ser invisível, porque eu tenho voz e eu sou vista. O que eu sinto, o que eu penso e o que eu quero são importantes para mim. E eu não preciso que ninguém me dê o que eu preciso, sou capaz de conquistar e me dar tudo o que eu desejo.

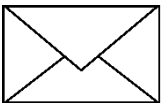
Eu mereço ser feliz, eu mereço ser amada, mereço receber cuidado e mereço me sentir em paz! Eu mereço me sentir tranquila, eu sou uma pessoa boa, tenho sentimentos bons e

sou capaz de fazer o bem. Eu mereço afeto, colo, amor, descanso, sucesso, ser reconhecida. Eu mereço sentir orgulho, ser admirada, ser vista e eu mereço a cura!

Eu mereço; vejo; reconheço; recebo e manifesto o amor cuidando do meu corpo. Eu mereço; vejo; reconheço; recebo e manifesto colo tocando o meu corpo, sendo gentil, tocando as coisas ao meu redor com afeto e cuidando das vidas que me cercam com afeto. Eu mereço; vejo; reconheço; recebo e ofereço o melhor que há em mim. Eu mereço; vejo; reconheço; recebo e manifesto e ofereço o melhor que há em mim primeiro para minha criança. Eu mereço; vejo; reconheço; recebo e manifesto proteção e segurança para minha criança interior. Eu me comprometo em ser um canal de paz;

acolhimento; segurança e de afeto para os seres que me cercam. Prometo que a minha criança vai se sentir segura, amada, protegida e que vai ser ouvida, vista e livre para se manifestar! A partir de hoje, você não precisa mais esperar. Você não precisa mais pedir o que é teu por direito. Você não precisa mais pedir afeto, nem esperar que outras pessoas te deem o que eu te neguei.

Minha amada criança interior, eu tenho muito orgulho da tua potência! Você é capaz de realizar todas as coisas que deseja e tem potencial de transformação. Você é força. Você é luz. Eu tenho muito orgulho da tua história.



Carta aberta a outros pais

Agora que meu filho está bem, eu posso escrever-lhes o meu relato sobre a fase mais assustadora e angustiante das nossas vidas. Vou começar contando sobre o meu Gabrielzinho... Desde que nasceu ele era um bebezinho super calmo, só chorava para mamar e nada mais.

Ele nasceu no dia 30 de outubro de 2022 em Dom Pedrito. Meu nenê nasceu amarelado (pele da cabeça e o branco dos olhos), falaram que era icterícia (o famoso "amarelão"), mas não foi realizado nenhum exame nele, apenas dito que com banhos de sol diários e leite materno em 30/45 dias passaria. Ele não tinha/tem icterícia.

Meu bebê era saudável: não tinha cólica, se alimenta super bem em

livre demanda de leite materno, fazia cocô mais de uma vez ao dia e xixi normalmente. Ele era muito estimulado por nós e por isso já tinha o pescoço firme, reconhecia nossas vozes, por exemplo.

No dia 24 de novembro Gabrielzinho regurgitou algo amarelo e sem cheiro. Já bateu o desespero no Lucas e em mim, e mandei mensagem para a pediatra e ela disse que era normal e nós não precisaríamos ir ao consultório. No outro dia, Gabrielzinho vomitou como se fosse adulto, algo amarelo e com um cheiro medonho. Procuramos pediatra (que não estava na cidade), fomos ao pronto socorro, etc. (No pronto socorro deram soro para hidratar e Dramin para parar os vômitos que não pararam). Aqui vai ficar a lacuna do desespero que vivemos no PS.

Como último recurso fomos na UPA em Bagé que tem pediatra 24 horas por meios próprios. Fomos atendidos em menos de 5 min. A médica mandou internar ele para investigar. Internamos às 4h da manhã e às 11h o Gabrielzinho foi para a CTI pediátrica. Lá foram investigar incansavelmente o que ele realmente tinha através de incontáveis exames de urina, sangue e imagem. Na segunda-feira, dia 28 de novembro, Gabrielzinho com menos de um mês entrava no bloco cirúrgico.

Gabrielzinho teve estenose hipertrófica de piloro, são cerca de 1.500 casos por ano no Brasil. É uma patologia considerada rara. Logo, essa carta é para alertar sobre a doença com base no que nós vivemos. A estenose hipertrófica do piloro

ocorre principalmente em meninos primogênitos.

Gabrielzinho após a cirurgia começou a apresentar melhora significativa. Dia 30 (mesversário do meu nenê) ele ganhou de presente 5 ml do meu leite materno de forma experimental, o organismo reagiu bem e no outro dia ele tirou a sonda que tirava esse líquido dos jatos de vômito do organismo para ele evitar de vomitar enquanto realizava os exames investigativos e para não debilitar ainda mais o quadro dele. Todos os passos são monitorados pela equipe de enfermagem e médicos (isso: no plural) para ver se avança ou precisa regredir o próximo passo.

Após a aceitação do leite, começamos com as mamadas no peito com 5 minutos contados no relógio. É um passo de cada vez, uma vitória de

cada vez e de oração em oração fomos vencendo.

Pensem em nosso desespero: em um dia nosso filho estava super bem e no outro no CTI. Então, qualquer coisa diferente, procurem um médico e sigam procurando se o considerado "normal" teu coração dizer que não é.

Lucas e eu passamos os piores dias das nossas vidas. Só sabíamos chorar e rezar. Ficamos nos revezando no CTI Pediátrica (apenas nós poderíamos entrar e cuidar dele). Mesmo tendo condições financeiras, ficamos no hospital 24 horas (tomando banho, nos alimentando e dormindo) e só saímos com nosso filho saudável de novo.

Tivemos o apoio da nossa família e compadres principalmente, conhecidos aqui no hospital por "ciganos". Nossos pais e compadres

vinham a Bagé diariamente com suas cadeiras e ficavam no estacionamento da Santa Casa o dia todo para nos apoiar nas trocas de revezamento, trazendo comida, chimarrão e principalmente apoio.

Graças a Deus, Gabrielzinho encontrou médicos que são extremamente comprometidos e querem realmente salvar vidas. Encontramos uma equipe de enfermagem maravilhosa: cuidavam do nosso Nenê como se fosse um tesouro, e cuidavam da gente também. Até o cartaz do mesversário, e a CTI cantou "parabéns" pelo 1° mês de vida o Gabrielzinho, ganhou.

Espero que com essa carta/relato eu possa ajudar outros pais a procurarem ajuda e evitar o pior. Espero e desejo que nenhum pai ou mãe passe por isso, e se passar que

consigam médicos comprometidos para que também consigam salvar seus bebês.

Deus é bom! Após treze dias de lutas, vencemos e levamos nosso filho saudável para nossa casa. Que Deus abençoe cada pessoa que orou pelo nosso filho e que nos deu apoio.

Abraço apertado,
a mamãe do Gabrielzinho.

Querido ausente

"Essa não é mais uma carta de amor, são pensamentos soltos, traduzidos em palavras, para que você possa entender, o que eu também não entendo." Jota Quest cantava e ainda canta isso. Ao escrever essa carta, eu só quero pôr no papel as coisas que não entendo. Acho que você também não.

Nos conhecemos de forma banal como tantos casais. Cada um na sua, com amigos em comum. Passaram meses, anos, nos esbarramos de novo. Algo no olho dizia que a gente já tinha se visto. Além daquele encontro na roda de amigos, tempos atrás. Sabe o que não entendo? Por que te encontrar quando não era pra ser?

Almas se esbarram todos os dias, não quer dizer que é para algo acontecer. Tivemos um relacionamento muito mais profundo do que poderíamos imaginar. Fomos mais do que namorados. Fomos cúmplices, conhecedores de um envolvimento tão intenso que esquecemos de que "era vidro e se quebrou".

Era mais amor do que poderíamos ter. Era mais que um encontro do que poderíamos viver. Vivemos intensamente até que tudo se partiu. Hoje vejo que o rompimento foi no momento exato para que eu não me machucasse mais. Sim, falo por mim. Não posso dizer por ti. Eu, sim, posso dizer que eu sei o que senti e vivi. Mergulhei de cabeça até o fim. Ainda dei umas braçadas no final, mas a correnteza era mais forte que

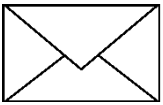
eu e me fiz boiar. O mar me levou para outras correntezas depois.

Hoje percebo que não era pra ser. Era para reconhecer. Eu te reconheço de muitas vidas, de muitas luas. Eu sei quem és. E sei que, no fundo, tu também sabes. O que fica é a sensação de encontro. De uma forma ou de outra, mesmo tudo partido, o amor não. Ainda nos reconhecemos no olhar.

Os pensamentos soltos vagam. Nada buscam, nada trazem. Perpetua-se a eterna busca por almas gêmeas ou conhecedoras de outras. Somos fragmentos de estrelas. Somos poeiras do tempo. Sempre nos reencontramos em outrem. Somos capazes de perceber que podemos ter mais de uma alma gêmea pelo mundo. Assim como eu encontrei outro fragmento meu e me encaixei, espero

amavelmente que você encontre outra poeira que te faça feliz.

Um abraço apertado,
Poeira de Estrela.



Carta a mim mesma

Eu nunca acreditei que escrever fosse minha vocação, ou sequer que eu poderia ser minimamente boa. Sempre acreditei que a escrita era o mínimo para ser entendida e para viver bem em sociedade; isso por ter uma completa inabilidade para poesia, por que, na minha cabeça, isso sim é que era escrever.

Antes de aceitar meu destino, dei muitas voltas, muitas delas incômodas. Passei seis anos vivendo um pseudo sonho, que era na verdade o sonho de outros que me fizeram acreditar ser o meu. Minha fuga era a Libras, começou como uma disciplina divertida e terminou como uma paixão. Tentei me encontrar nesse meio, mas é como

inglês, o saber não me torna exímia tradutora, me torna apenas usuária da língua.

Depois, dei mais voltas (porque rodeios são a base da minha vida) e a arte me toca e me chama, me faz pensar e desenvolver, mas leva tempo e eu sou ansiosa...Trabalhar na área criativa e me desenvolver sempre me pareceu uma excelente ideia, até eu, despretensiosamente, ser colocada em uma posição de "você escreve melhor do que todos os candidatos a essa vaga e alguns com experiência". Aceitei, afinal amamos poder pagar contas, mas a ficha do você R E A L M E N T E sabe escrever não caia.

Um emprego novo, junto a muitos jornalistas experientes e competentes, me fez acreditar em mim e ao mesmo tempo me diminuir, a

comparação é sempre um fantasma no canto da sala que vos fala. A escrita como forma de externar sentimentos e pensamentos foi se tornando próxima, não organizada, mas próxima, não boa, mas próxima, não gramaticalmente correta, mas próxima e em cada uma dessas aproximações eu fui me percebendo como uma boa escritora, que tem dificuldades em se definir como escritora, jornalista, artista, ou qualquer outro adjetivo que possa me dar crédito pela criatividade ou habilidade. É a boa e velha síndrome de vira-lata.

São em momentos como os que preciso produzir que sei que há algo mais profundo do que fazer uma matéria ou legenda. É visualizar o que dizer, como dizer e utilizar a empatia para se comunicar de maneira

simplificada. Eu poderia facilmente encher esse mesmo texto de pujantes, coadunam, esplêndidos, e não ser compreendida, mas eu escolho escrever coloquialmente para que as pessoas compreendam que a jornada até si mesmo não é linear, ela faz voltas, ela sobe e desce montanhas, ela cria uma realidade na qual você é capaz de tudo, porém, você perceberá quando não é para você. Não fica fácil, apenas se tornará óbvio ao parar e olhar de fora.

Escrever, como tudo na vida, é prática, é ter contato com outras escritas, é ser curiosa e ouvir, ler e ver e conhecer outras histórias, sabendo que você também é uma grande autora e que por mais que digam que não, e, provavelmente o dirão, você pode sim escrever o que sonha e o que deseja; afinal de contas, não é

necessário ser um autor de bestsellers para ser relevante, você apenas precisa da coragem de dar vida às suas palavras.

A liberdade de quem somos

Esta carta tem o intuito de colaborar e reforçar às famílias principalmente e, também, aos amigos. A vida é muito curta, por muitas vezes somos mendigos emocionais e muitas vezes somos egoístas, às vezes é preciso de uma tragédia para reunir a família ou rever. Perdemos muito tempo brigando, culpando e evitando enfrentar as coisas; a vida é tão simples para ser resolvida, basta ter sabedoria e espiritualidade.

Eu sou uma pessoa muito privilegiada, tenho uma família mais que perfeita que empenhou aprender a Língua de Sinais para a nossa comunicação e eu sempre me senti incluída na família, a

família me ouviu, me compreendeu e me deu asas, principalmente eles aceitaram a minha surdez e a Língua de Sinais. Sou muito grata pela família que tenho, com eles eu vivo harmonicamente com a minha própria família que é a Helenne, mulher e surda e Sofia, a nossa filha adolescente, ouvinte.

Sim, vivemos com harmonia pois minha família acolheu a Helenne como interagente familiar, parece que vivemos num sonho, mas é real a nossa vida. Nossa vida é bela, mesmo com algumas circunstâncias que não nos abalaram, só nos fortaleceram muito e a nossa união se tornou mais profunda. A Helenne não teve o mesmo que eu, demorou muito tempo para a família dela conviver com a gente. Essa demora nos fez amadurecer bastante e sabemos que ninguém é

obrigado a aceitar as formas que os outros familiares vivem, mas pelo menos uma base de respeito já basta.

Eu tenho um recado importante para famílias de pessoas surdas ou de pessoas de outras minorias: aceitem como o outro é e acolham o Ser da pessoa, procurem uma melhor forma para se comunicar com filhos surdos e acolham os filhos que não têm a mesma orientação sexual dos pais. Famílias que têm uma boa aceitação são mais felizes e os corações de todos ficam mais leves, digo por experiência própria.

As eleições de 2022 foi um momento muito tenso e de muito medo, caiu um misto de nostalgia em mim. Estávamos na pandemia mundial por Covid que matou milhares pessoas do mundo e as vacinas atrasaram muito aqui no Brasil.

Lawrence, o genitor da minha filha, faleceu um mês antes de chegar a vacina destinada a ele, já que ele era do grupo de risco. Quando fui votar no segundo turno, me passou um arrepio e exatamente neste milímetro segundo do momento me passou o Lawrence na minha cabeça, me passou um filme e fiquei extremamente mexida.

Agora me deu vontade de escrever esta carta, porque um dia o Lawrence me disse que tinha muita vontade de escrever uma autobiografia para ajudar os outros a abrir sua sexualidade e enfrentar de qualquer custo os obstáculos para "sair do armário", pois ele não teve oportunidade de assumir a sua homossexualidade; ele tinha muito medo de decepcionar sua família. Lembro perfeitamente dele me dizendo

que sofreu muito *bullying* nas escolas por ser surdo, ele nunca estudou nas escolas de surdos e demorou muito anos para ele se aceitar, mas na verdade ele ainda não havia aceitado totalmente que era surdo.

Ele ainda tinha vergonha de assumir a surdez, enquanto ele convivia comigo, as pessoas perguntavam se ele era surdo por ter uma fala diferente, ele travava e não respondia, desconversava. Imaginem aqui comigo, ele tinha vergonha de ser surdo por causa das ridicularizações que teve na infância e se travou ainda mais para assumir a sua sexualidade. Lawrence, eu lamento por você não conseguir viver como tu queria, tu viveste em base como a sociedade queria e tu aceitou a imposição da

sociedade. Vai aí uma reflexão, quantos "Lawrence 's" existem por aí? Escondendo a sua sexualidade, pela família e por medo?

Famílias e Amigos! A aceitação é o melhor remédio! Estamos em 2023! Passamos 4 anos de muito medo, não podíamos nos expressar tudo nas redes sociais e estávamos "fechados". Com a vitória do Lula, para mim floriu tudo de novo e senti uma leveza tão boa já no primeiro dia do governo do Lula. Com o Lula temos apoio às minorias. As pessoas homossexuais, com certeza, estão vivendo com menos medo e aliviados. Alô pessoas homossexuais! Assumam-se, abram-se para sua família amigos! Impõem-se mesmo se a família não aceitar, algum tempo eles aceitarão. Devem abrir-se, senão nunca saberão se a família

aceitaria ou não. A vida é tão curta, abram às famílias e aos amigos! Vivam com a verdade, é mais leve!

Ah, eu sou privilegiada outra vez! Como a comunidade surda é pequena e faz parte da minoria linguística, as pessoas surdas aceitam todos surdos aos seus círculos não importando da raça, da orientação sexual, do gênero, da classe e das condições de estudos. A comunidade surda me abraçou assim que souberam que sou da bandeira colorida, de LGBTQIAPAN+, foi incrível o acolhimento deles por mim e não senti limitações, ficaram vibrando quando souberam do meu relacionamento com a Helenne.

A minha única experiência de homofobia é com a família da Helenne, não toda família dela, vale salientar que não são todos

membros da família dela. 8 anos depois do nosso relacionamento a família dela decidiu nos acolher, o acolhimento ainda está engatinhando, é tímido. Eles não estavam no nosso casório. Aconteceu uma tragédia na família da Helenne, com a saúde da mãe dela, e decidiram reunir a família, 8 anos depois. Eu comemoro a reunião sim e também lamento pelos anos perdidos por causa do preconceito, o preconceito é falta de informação, simples.

Às vezes tudo só depende de você! Assumir a orientação sexual não mata! Se a família não aceitou, bola para frente, pelo menos você se abriu e a família terá seu momento para pensar e repensar, a maioria das famílias acolhem depois de um tempinho. Não esperem os outros contarem para sua família. A

expressão coloquial "sair do armário" pode ser importante para alguns, pois é um processo de reconhecimento de si. Assumir liberta, apesar de eu sempre falar que não precisamos assumir já que os heteros não precisam assumir, mas por conta do preconceito a gente precisa assumir para famílias para poder ter apoio ou até ajudar as famílias a entenderem que a homossexualidade é tão normal quanto a heterossexualidade.

Pela história, na idade antiga era simples os namoros entre pessoas de mesmo sexo, o assunto gay era tratado com naturalidade e valorizado até quando popularizou o cristianismo que afirmou que é pecado o sexo entre iguais, por isso o preconceito ainda existe, as coisas melhoraram sim e a tolerância

aumentou, mas ainda há muito preconceito. As famílias precisam de um tempo para amadurecer e mergulhar na aceitação, geralmente as famílias não têm culpa pois a culpa é da sociedade que é muito preconceituosa e impõe pensamentos, além da religião. Quando as famílias aceitam os filhos tendem a gerar uma qualidade de vida para todos, autoestima mais segura e fortes para lidar com os preconceitos afora. Homossexualidade não é uma opção!

Agora para finalizar a presente carta, uma pequena analogia. Se as famílias aceitarem bem o fato de os filhos serem surdos e procurarem uma forma melhor para comunicação com filhos surdos, certamente os filhos sentirão a sensação de pertencimento e não sentirão muita diferença. Os filhos surdos só

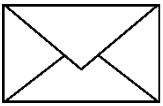
precisam de uma comunicação dentro da sua necessidade, comunicação é VIDA. Não há necessidade de se preocupar com a fluência em Libras para se comunicar com os filhos, isso é uma desculpa para não aprender Libras. Basta ter alguns sinais e saber como o seu filho compreende melhor, criando uma forma de comunicação só de vocês faz toda diferença.

Não procure milhares com a medicalização e com a normalização, esses conceitos não existem para pessoas surdas nem para pessoas de LGBTQIAPAN+. Lembrando sobre a idade antiga, a comunidade surda também sofreu retrocesso, só que na idade contemporânea, em 1880, o Congresso de Milão decidiu que o oralismo era o método mais adequado e até hoje estamos tentando

conquistar tudo o que perdemos lá em 1880. Incrível esses momentos históricos! Quando as coisas estão bem estabelecidas para pessoas das minorias vêm os retrocessos, vilões que apaga a paz e as lutas, assim como a Idade Média contra o povo gay e Idade Contemporânea contra a Língua de Sinais.

Por uma sociedade igualitária, respeitosa e inclusiva!

Viver com a verdade sempre, não ESCONDAM e não DEIXEM para depois!



De mãos dadas com a loucura

Essa é uma carta-vivência que começou a ser escrita em 1990 dentro de um hospital psiquiátrico público. Muitos de nós não descemos nas profundezas internas do oceano que habita em nosso peito. Lidar com as nossas águas internas pode ser tão fascinante quanto assustador, pois nunca sabemos exatamente o ponto de gatilho que desata o descompasso.

Por que contar sobre o que meus olhos viram dentro daquele hospital psiquiátrico? Uma experiência de interdição do sujeito, interdição de sua língua (sim, porque rompe o que você tem a dizer, já que a escuta lá dentro pouco ou quase nada existe), interdição de seus direitos. Lá dentro você é privado de muitas

coisas, dentre elas, a de narrar sua versão. E se você narrar, poucos irão validar o que você tem a dizer.

Foi assim que tudo começou. Vozes que se entrelaçavam com minhas mãos e queriam acompanhar-me. Eu não estava só, literalmente, até hoje penso que há um rompimento na linguagem que divide em muitas dimensões a forma de pensar e mais ainda, o que consigo escrever e expressar. De onde vem o rompimento?

Não sei explicar, mas ele é perceptível. Eu tinha que aprender a lidar com essas vozes, já que vários da família estavam indo para lá, naquele local onde todos vestiam branco. Eu não queria ir para lá, mas eu sabia que se negasse a existência dessas vozes, elas apareciam mais e mais. A Doutora Fátima, uma jovem psiquiatra

explicava que Haldol era o mais indicado para ele. Eu só olhava, quem era eu para discutir com ela, formada e com grande credibilidade na cidade.

Eu preferia acreditar nas contribuições de Nise, pois quando a arte estava presente eu sentia que o rompimento pareceria ser costurado. A arte alcançava uma dimensão que o Haldol não conseguia de forma tão eficaz. A arte nos dava a possibilidade de termos uma escuta sensível lá dentro daquelas paredes brancas, cinzentas e com grades. Eu tinha muitos amigos lá dentro e acreditava em todas as histórias que me eram contadas. Mesmo que elas fossem desvalidadas pelos enfermeiros ou outros familiares em dias de visitas.

Confesso para você, que às vezes eu achava que habitava outra dimensão. Mas aqui, onde vocês vivem, não é permitido pensar assim. Essa possibilidade de habitar e transitar em diferentes dimensões, vocês chamam de delírios. E por isso vocês são medicados com Haldol. Cada vez que eu via alguém em algum surto Psicótico, era como se algo mexesse com as profundezas do meu oceano porque eu sabia o que ele estava sentido, ao menos tinha uma ideia. A vida dentro de um hospital psiquiátrico é dura, não dá para romantizar como muitos pensam. Estar de mãos dadas com a loucura não é algo confortável e você paga um preço bastante alto por isso.

Lá dentro tinham alas diferentes, as quais eram compatíveis com cada diagnóstico. José me levou para o

pátio, pois queria que eu conhecesse o que ele tinha feito. Ele me contou que estava vindo de um lugar chamado Amurabi e que estava ali de passagem. Via pessoas em sua cama que sempre tentavam assustá-lo. Era incentivado a pintar e usava massa de modelar como uma forma de conter os sentimentos que habitavam seu interior.

Maria também me explicou que não gostava de dormir, pois era justamente quando ela fechava os olhos que as vozes aumentavam em sua cabeça. Enquanto ela estava contando, veio um enfermeiro e deu-lhe 3 remédios. Não era Haldol. Eu não sabia qual era.

Ela pegou, tomou. O enfermeiro disse a ela para abrir a boca e lhe mostrar que tinha engolido o remédio. Ela abriu e mostrou. Eu

fiquei chocada com o poder de persuasão dela, pois logo que ele saiu, Maria abriu a boca e tirou o remédio.

Era preciso falar e lutar por humanização nos atendimentos. A luta antimanicomial ganha força aí, justamente por tratar com mais dignidade pessoas que enfrentam e vivenciam transtornos mentais. Sempre que eu estava lá, doía bastante ver alguém novo chegar em um processo de internação. Eu dizia para mim mesma!

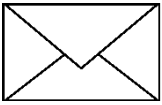
Não dói o pé, dói a alma. E o que você faz com as dores na alma?

Veio a voz e me disse: ande de mãos dadas com a loucura, pinte a cara dela.

Pinte essas paredes cinzas que te levam para outras dimensões. Maria conseguiu dar alta do hospital. José

não habita mais essa dimensão. Preferiu resolver a dor de sua alma de outra forma, que não nos cabe julgar. Só quem tem a dor na alma sabe a intensidade que habita nos oceanos internos que nos acompanham.

Acordei assustada e pensei. Caramba, parecia tudo tão real. Fiquei pensando nas vozes que estavam de mãos dadas comigo na loucura e no sonho e me levaram ao hospital psiquiátrico. Desejo que nossas vozes sejam validadas, sejam elas em sonho ou na vida real. Nunca estamos sós!



Cápsula do tempo aberta

Bagé, 09 de maio de 2023.

Finalmente consegui ter um tempinho livre para escrever uma cartinha para ti. Minha vida é uma correria, vida de professor é assim. Decidi fazer uma carta sobre como começou a tua história (e a parte mais importante da minha também).

Quando descobri que estava grávida de ti, fiquei um pouco assustada e feliz ao mesmo tempo, pois sempre quis ter filhos. Porém, eu achava que não podia ser mãe por problemas de saúde. Não era nada grave, mesmo assim eu tinha receio.

Desde o primeiro dia, quando descobri a gravidez, eu pensei como seria e tinha muitas dúvidas. Será

ouvinte ou surdo? Tinha medo e a primeira coisa que pensei foi isso. Depois comecei a pensar como tu serias fisicamente. Moreno? Loiro? Olhos escuros ou claros?

Porque eu e o seu pai somos bem diferentes. Desde o começo eu já tinha certeza que seria um menino, não sei porque. As pessoas me falavam assim: "você quer que seja menino…, mas se for menina?" Respondia assim: "se for menina, irei amar igual, mas confesso que eu queria muito que fosse um menino". Rezava todos dias, eu pedia pra Deus que fosse menino. O dia que fiz a ecografia e vi o teu sexo fiquei tão aliviada. Passamos dias (eu e seu pai) indecisos na escolha do seu nome. Primeiro pensamos em Bolívar, que o seu pai queria. Já eu, preferia que fosse Inácio. Então um dia

decidimos que ia ser José, em homenagem aos seus dois avós. No entanto, seu nome quase foi José Inácio. A gente combinou de colocar José Inácio se o ex-presidente Lula fosse libertado, mas ele só foi solto após uma semana do seu nascimento.

Então, quando comecei a contar a novidade à minha família, parentes, amigos e colegas que eu estava grávida, todas as pessoas ficaram muito felizes. Sabiam que tu ias ser uma pessoa muito especial e amada. Porém, infelizmente, teve pessoas negativas que duvidaram que eu seria uma boa mãe. Me perguntavam como eu iria cuidar de ti e ficavam dando palpites infundados. Eu fiquei mais ansiosa e também desconfiada com a hora da sua chegada, tinha medo de não dar conta. Graças a Deus, minha

gravidez foi a mais tranquila que eu já vi, comparando com outras gestantes. Não tive enjoo, vômito e dores. Até minha saúde melhorou muito, óbvio que me cuidei bastante.

Poucos dias antes da sua chegada, minha ansiedade já estava quase nas nuvens. Na última consulta ao médico que eu e seu pai fomos, ele perguntou qual data marcaríamos a cesárea. Sim, quis fazer cesárea porque quem me conhece sabe que não tenho paciência de esperar por nada. Eu e seu pai queríamos dia cinco de novembro, por causa de um filme que tem uma frase muito poderosa que diz: "Lembrai, lembrai, o cinco de novembro. A pólvora, a traição e o ardil; por isso não vejo porque esquecer; uma traição de pólvora tão vil.".

Entendedores entenderão. Risos. Um dia vou te mostrar esse filme, é

muito bom! Voltando, o médico disse que não ia estar na cidade dia cinco. Então, escolhemos o dia primeiro de novembro.

No dia da sua chegada eu estava muito tranquila. Chegamos no hospital acompanhado de seus avós e sua titia. Eles estavam mais nervosos do que eu. Quando tu nasceste, seu pai estava acompanhando o parto o tempo todo. Quando te vi pela primeira vez lembro que era o bebezinho mais lindo e muito branquinho. Não falo isso só porque és meu filho, tu realmente nasceste tão lindo. Tu não tinhas a carinha de joelho que quase todos recém-nascidos têm ao nascer.

Após dois dias, estávamos nos preparando para voltar para casa. Eu e tu fomos os últimos a sair do quarto. Tu estavas no meu colo.

Naquele momento eu tive uma crise existencial. Nunca tive crise nenhuma, chorei muito e não sabia porquê. Me dava medo, estava confusa, eram muitas coisas que passavam na minha mente. Então seu pai e sua avó me acalmaram. Quando melhorei, fomos para casa. Eu achava que ia ficar tudo bem depois, mas não.

Chegamos em casa e estava tudo em ordem. Porém meia hora depois, chegaram algumas pessoas à nossa casa para te conhecer. Elas já amavam você desde a barriga da mamãe. Isso só fez eu ficar mais ansiosa. Falei que ia tomar banho e chorei muito no banho e ninguém percebeu, mas sua avó Roseli me conhece tão bem... Ela não quis me perguntar o que houve, mas no fundo ela sabia que eu não estava normal, talvez uma depressão pós parto, sei lá.

Passaram-se os primeiros dias e continuava difícil para mim, pois a amamentação dói.

Minha crise existencial também, porque eu não estava me reconhecendo como mãe. Uma “nova eu”, era um novo papel na minha vida, uma nova história que começava. Eu não era mais apenas “eu”, agora eu era a mãe do José e era assustador me sentir assim. Se passaram uns 20 dias mais ou menos quando melhorei bastante, porque já estava aceitando a nova Ana, agora mãe. Tenho certeza que tu ficaste curioso porque falei que era uma “nova eu”, pois quem me conheceu antes sabe que eu não era assim. Mas não vou escrever por aqui porque daria um livro se tentasse te contar. Risos.

Uns meses se passaram e aconteceu uma pandemia mundial, do

Coronavírus. Foi uma coisa feia. Muitas pessoas ficaram doentes e outras morreram. Foi um ano de terror e infelizmente perdemos pessoas queridas. Por causa disso, ficávamos em casa o tempo todo.

Só podíamos sair na rua usando máscaras. Inclusive vi esses dias que a Organização Mundial da Saúde declarou o fim da emergência internacional de saúde, quase quatro anos depois.

Então, durante a pandemia, tu foste um parceirão da mamãe. Me acompanhou todo tempo, durante o meu trabalho remoto e também durante a campanha eleitoral em que fui candidata a vereadora.

Um tempo depois, quando tu cresceste mais um pouco, eu me preocupava com a nossa comunicação. Tentava te ensinar Libras, mas tu te

recusavas a aprender e isso foi muito difícil. Então, continuei tentando me comunicar pela voz.

Quando era ainda pequeno, tu não falavas quase nada. Aos dois anos foi para a escolinha e sua evolução deu um salto muito rápido. Tu te desenvolveste muito bem e tua inteligência aflorou como nunca havia antes. Ficou mais sociável (acho que tu puxaste a seus tios, pois eu e seu pai não somos assim). Risos. Falava muito bem, até as pessoas ficavam admiradas de você falar as palavras no plural, como deve ser. Porém, nada de Libras ainda.

Mas fui bem paciente contigo, pois tudo tem o seu tempo. Já estou terminando essa cartinha, pelo visto é uma cartona. Risos.

Neste ano, tu começaste a ter uma mania de falar no ouvido da gente.

Eu expliquei que não pode falar comigo no ouvido pois não escuto e tu insistia nisso. Até que um dia decidi pegar um pouco pesado e começamos a ter aula de Libras quase todos os dias. Tentei me comunicar apenas em Libras e sem o uso da voz e finalmente deu certo. Hoje nos comunicamos bem (que alívio). Não foi fácil, viu?

Queria te falar todas as coisas aqui, mas é impossível, porque daria um livro.

Enfim, estou muito curiosa. Como vai ser o seu futuro? Vai continuar amando animais da fazenda? Será que vai ser biólogo, médico veterinário, jogador de futebol? Sinceramente eu não sei o que tu vais escolher, mas ficaria muito feliz em ver tu fazendo as coisas que gostas.

Já pensei como eu sou no papel de mãe, mas só tu poderás responder. Sou boa mãe? Espero que sim.

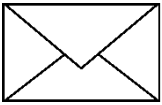
Bom, vou terminar por aqui, agora.

Tu sabes que sempre pode contar comigo. Falo isso desde quando você era pequenininho.

Estou contigo para toda vida.

Te amo.

Com amor da mamãe Ana Paula.



“Aquela carta que nunca enviei”, poderia ter por subtítulo “escritas corajosas de cartas não enviadas aos destinatários”, afinal de contas, algumas cartas a gente escreve e não envia. Convidamos você, leitor, para navegar conosco no universo das cartas nunca enviadas, mas que deveriam ser lidas por alguém. E, antes que sejam esquecidas no fundo de uma gaveta ou na memória do computador parado no tempo, dividimos tais cartas com o mundo.

Democratizando a publicação
pedroejoaoeditores.com.br

ISBN 978-65-265-0595-3